

## ASPECTOS EDUCACIONAIS RELACIONADOS A LEITURA: DA TEORIA À PRÁTICA

*\*Angilene Nascimento*

*\*\*Simone Silveira Amorim*

**RESUMO:** O texto tem como objetivo mencionar aspectos relacionados com a leitura e suas principais características, como a importância da espontaneidade no ato de ler, além de ressaltar a responsabilidade dos agentes envolvidos neste processo, respaldando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), dentre outros. Destacam-se aqui comportamentos que podem estimular ou prejudicar esse aprendizado, colocando a infância como uma das fases cruciais e determinantes para todo o resto da vida deste leitor. Observa que, diante dos desafios impostos pela vida em sociedade, é importante rever aspectos relacionados ao ensino da leitura, concluindo-se que, com os direcionamentos corretos por parte de pais e professores, respeitando as individualidades e a espontaneidade que caracterizam o hábito da leitura, os alunos terão maior probabilidade de se tornar leitores assíduos no futuro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Hábito da leitura. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Ler é uma arte, uma atividade que denota várias ações conjuntas: a imaginação, a criatividade, o resgate das experiências e as peculiaridades do caráter de cada indivíduo. Assim, tanto ações introspectivas quanto externas influenciam nessa ação tantas vezes subestimada pelos pais e agentes educadores. Nesse sentido, Comenius (2002, p. 169) afirma que “[...] nas crianças, o amor pelo estudo deve ser suscitado e avivado pelos pais, pelos professores, pela escola, pelas próprias coisas, pelo método, pelas autoridades”.

Porém, vários mitos circundam o ato da leitura, como por exemplo, o de que a criança deve sempre ser direcionada a ler uma determinada obra predeterminada ou que deve ler seguindo uma ordem de início, meio e fim, com critérios preestabelecidos. No

---

\*Bibliotecária (UFBA) especializada em Gestão de pessoas. Coordenadora da Biblioteca de Pós-Graduação do Mestrado em Turismo do Instituto Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GEHPE) /CNPq da Universidade Tiradentes. E-mail: angilene@gmail.com

\*\*Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes/UNIT. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2012) e Mestre em Educação (2006) pela mesma instituição. Lidera o Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade: sujeitos e práticas educativas e integra os grupos de pesquisa História das Práticas Educacionais (GEHPE) e o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos de Cultura da UFS (NECUFS). E-mail: amorim\_simone@hotmail.com

entanto, ler não pode ser uma obrigação ou uma imposição, repleta de emaranhados e regras. Cada indivíduo é um ser singular, tem suas experiências próprias, seus questionamentos e expectativas. Achar que uma determinada obra tem que despertar determinada reação ou interesse em um indivíduo é o mesmo que desejar que este goste de azul ou de cinema por serem preferências de uma outra pessoa e não as dele.

Muitos ainda pensam que é preciso uma grande estrutura e professores renomados para se ajudar a criança ou o jovem na sua educação e, sobretudo, no seu processo de leitura. No entanto, Freire fala da sua infância e de seus aprendizados de uma maneira simples e que privilegiava o seu mundo real, seu cotidiano, a simplicidade das coisas que o cercavam: “Fui batizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.” (FREIRE, 1988, p.11).

Portanto, é preciso desmistificar o ato de ler, dar espaço, oportunidade de escolha e de decisão para cada um. Não devem existir regras para o ato de ler, óbvio que determinadas leituras não cabem a determinadas idades. Salvo esses parâmetros, o restante são concepções errôneas sobre como ocorre o processo do hábito a leitura.

O fato é que o ser humano é bio-psico-social e espiritual, ou seja, envolto em suas complexidades, permeado por suas experiências, e peculiaridades. Para Cavalcanti (2008, p.7), o ser humano “[...] está situado dentro de um contexto que o abriga, o envolve, que o influencia e é por ele influenciado”. Não se pode, portanto, esperar o mesmo resultado de todos os jovens ou submetê-los apenas ao que achamos interessante para a sua formação, sem essas prévias considerações. Alguns tipos de leitura necessitam, obviamente, de uma capacidade de discernimento que determinadas idades não as tem, como já mencionado e, neste caso especialmente, a leitura se tornará incompreensível, como, por exemplo, seria inútil dar um livro sobre álgebra a uma criança de cinco anos, cuja capacidade intelectual não alcançaria esse tipo de informação:

Mas não basta impor, a estimulação é um processo cuidadoso e delicado. A criança precisará ser orientada sobre qual a leitura mais indicada à sua faixa etária e os assuntos que naturalmente a interessam deverão ser o foco principal. Não basta dar o livro para que a criança leia. Acredito que o diferencial entre um adulto que foi orientado adequadamente e agregou à sua rotina o gosto pela leitura e aquele que se desinteressou quando se viu à vontade para optar por ler ou não ler, está exatamente aí: na sensibilidade de quem o acompanhou e o orientou adequadamente. (FONTES, 2002, p. 1).

Além do que, qualquer conhecimento que não leve o homem a suas análises internas fica incompleta, superficial e sem real função no seu cotidiano: “Deve, também, a

educação conduzir o homem a uma clara visão de si mesmo, da natureza, da sua união com Deus.” (FRÖEBEL, 2001, p.24). Esse é o primeiro passo para uma nova visão da educação, revisão de valores e novas abordagens.

Assim, o texto tem como objetivo mencionar aspectos relacionados com a leitura e suas principais características, como a importância da espontaneidade no ato de ler e as responsabilidades dos agentes envolvidos neste processo, respaldando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), dentre outros.

Sendo uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, destacam-se aqui comportamentos que podem estimular ou prejudicar esse aprendizado, colocando a infância como uma das fases cruciais e determinantes para todo o resto da vida da pessoa enquanto leitor. Com os novos paradigmas da educação, faz-se importante rever aspectos da leitura, concluindo-se que as pesquisas são taxativas ao afirmar que crianças que têm contato com a leitura desde cedo e recebem incentivos dos pais têm maior probabilidade de se tornar leitores assíduos.

### **EDUCAR PARA A SOCIEDADE: UMA PERSPECTIVA**

É notório que a Educação tem sido pautada por regras, normas, diretrizes e regulamentos que, muitas vezes, impõem uma forma dita “correta” de aprender e apreender as informações. Isso pode ser observado nitidamente nas sociedades atuais e em paralelo com as de antigamente. Muito da educação atual tem influência do ensino do passado, pois quase sempre a Educação teve como foco valores e necessidades externas, não levando em consideração as verdadeiras necessidades dos indivíduos. Este fato foi há muito observado pelo teórico Spencer (1924, p.7) quando afirmou que “[...] os conhecimentos que produzem o bem estar pessoal são postergados por aqueles que são mais aplaudidos.”. Assim, deixar o indivíduo desde cedo livre para aprender parece arbitrário e contraditório numa sociedade que estabelece conceitos “perfeitos” para tudo.

Quando se pondera que a Educação tem sido condicionada a fatores mais externos que internos, ou seja, aos que muitas vezes vão de encontro com as verdadeiras aspirações do indivíduo, compreende-se que com a leitura não é diferente. Antigamente os colecionadores de livros, que muitas vezes nem eram lidos, já mostravam a pretensão de mostrar à sociedade certa intelectualidade e uma postura que remetia status e poder, pois “[...]”

se achava que as bibliotecas muito volumosas, com grandes acervos, eram sinal de status e prestígio.” (MILANESI, 2002, p. 116<sup>1</sup> *apud* EDUVIRGES, 2012, p. 3).

Assim, é preciso refletir sobre o real papel da leitura e da educação como um todo na sociedade, pois são essas reflexões que trarão reais mudanças. Nesse sentido, ler um texto “[...] decifrar um sistema de pensamento, consiste, pois, em considerar conjuntamente, essas diferentes questões” (CHARTIER, 1990, p.65).

Os efeitos dessa forma de educar se refletem em várias áreas do conhecimento que ficam à mercê do que já existe e sem novos avanços no que diz respeito às áreas tecnológicas, médica e nas ciências, de modo geral, que influenciam a vida do ser humano. Uma criatividade que não é estimulada desde o começo, tende a ser estagnada na fase adulta e isto é muito sério quando se tem uma visão macro da questão.

Basta observar que hoje poucos alunos conseguem fazer uma redação com êxito e é uma das questões de maior índice de reprovação nos vestibulares e testes para trabalho, como foi observado recentemente no Exame Nacional do Ensino Médio. Não seria um reflexo nítido da forma de ensinar e da maneira como é encarado o processo de leitura desde a infância e depois como ela se estende nas outras fases da vida dessa criança?

A boa retórica, assim como a boa escrita, é imprescindível nos dias atuais: “A retórica que é a arte de persuadir, e, por conseqüência, que é a única coisa que se acha e serve no comércio humano, e a mais necessária para ele” (VERNEY, 1991, p.45). As pessoas estão sendo cada vez mais chamadas a interagir, colocar suas ideias, confrontar opiniões e se posicionar diante de vários assuntos nacionais, mundiais e expor seus pensamentos de forma coerente e coesa.

Ressalta-se, também, que os livros didáticos desempenhavam, e ainda desempenham, um papel de viabilização e efetivação de reformas educacionais. Desse modo, eles também se constituem em um importante instrumento para divulgação do ideário educacional, levando-se em conta, nesse processo, a formação do professor e do aluno. A importância do livro didático e da sua leitura consiste na “[...] formação de hábitos, tendo a palavra impressa um ‘poder’ de transformar a realidade, já que, conforme se pensava a leitura por si só já garantia a apropriação das ideias lidas” (FARIA FILHO, 2005, p. 64).

Pode-se, então, afirmar que quem não lê com liberdade, com leveza, não realiza esse ato de verdade ou vai desenvolver muito menos do que poderia, se livre estivesse para isso. Quando se considera a diversidade de experiências que estão embutidas em cada

---

<sup>1</sup> MILANESI, Luiz. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2002.p. 116.

leitor e a complexidade inerente à personalidade de cada um, fica evidente que, da mesma forma, não se pode criar expectativas prévias diante de uma determinada leitura e criar atalhos para que isso aconteça, pois seria proliferar qualquer tipo de conhecimento, menos o do próprio leitor. “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.” (CHARTIER, 1990, p.123).

Cada indivíduo vai emitir um resultado, um significado, uma resposta após o ato de ler. Até mesmo quando existe estímulo de outras pessoas e mesmo do próprio escritor, é necessário que se deixe uma “página em branco” para que cada um que deseje desfrutar de uma bela leitura. Assim, os resultados serão descritos e nenhuma percepção pode ser considerada errada ou falha, embora as interpretações possam se aproximar mais do que o educador desejaria ou não, mas nunca ser considerada errônea. É permitido até o bovarismo, ou seja, alterar o sentido da realidade, ir além do que se lê literalmente e dar formas e conceitos individualizados a suas percepções. Um outro aspecto a ser salientado é que seja provável e até natural que cada escritor, ao lançar um livro, já saiba que sua obra ganha inúmeras versões e interpretações na mente dos seus leitores.

É importante observar que professores, teóricos e alunos possuem uma interdependência de funções individuais, ou seja, os atos desses indivíduos distintos acabam por se vincular ininterruptamente formando verdadeiras cadeias de atos a fim de que as ações de cada um cumpram o seu fim. Existe um laço que os une em prol de um objetivo comum: o ensino e a aprendizagem do indivíduo.

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos fortes. É a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos ‘sociedade’ (ELIAS, 1994, p. 23).

Pennac (1998), sobre os “direitos imprescritíveis do leitor”, destaca que este tem o direito de não ler, de pular páginas, de não terminar de ler o livro, de reler, de ler qualquer coisa, de ler em voz alta, de ler não importa onde, e o direito de se calar, enfatizando que o papel do bibliotecário está muito além do que é pronunciado em sala de aula e que a atitude do bibliotecário é um intermediador entre a informação e o usuário. Portanto, o livro:

[...] não é para ser lido como se lê um tratado científico – postura adotada por muitos críticos de conteúdo dos livros didáticos. Livro didático é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado [...]; ser dobrado; ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros, em silêncio; ser copiado [...]; ser transportado de volta à casa; ser aberto de novo [...] (MUNAKATA, 1997, p. 204).

Destarte, se o aluno pular páginas, ler em volta ou onde achar conveniente, isso não vai influenciar negativamente, pelo contrário vai atribuir um valor significativo à atividade que está sendo feita. Pode parecer que não estará acontecendo uma interação dinâmica, mas, muito pelo contrário, é possível que aconteça um momento de grande aproveitamento e dinamismo dessa leitura.

Esquecemos, muitas vezes, que alguns indivíduos extremamente significativos na história foram justamente aqueles que aprenderam sozinhos ou por meio de direções conscientes, até mesmo domésticas, sem grandes interferências. Citemos Paulo Freire (1988) que aprendeu suas primeiras lições no quintal de sua casa e Mozart (1995) que provavelmente nunca havia frequentado uma escola, sendo ensinado por seu pai, tendo se tornado um dos maiores nomes da música no mundo. O próprio Spencer (1924), contrariando a educação da época, foi em busca das respostas para as suas próprias indagações. Thomas Edison também teve uma educação doméstica:

Como se recusava a fazer as lições e a aceitar o que lhe era ensinado, os pais de Thomas Edison decidiram que a mãe passaria a cuidar de sua educação em casa. Foi por causa dessa mudança em sua vida que o pequeno Thomas Edison pôde se dedicar ainda mais à disciplina que lhe interessava: a ciência. (DUTRA, 2012).

Assim, seria coerente afirmar que ter a oportunidade de escolher e dar liberdade para essas escolhas faz uma significativa diferença. E a escolha que deveria ser tida como um privilégio é vista, na maioria das vezes, como empecilho para pais e educadores que já detêm seus conceitos preestabelecidos. É interessante a concepção de Elias (1995) quando escreve sobre a vida de Mozart e nos leva a uma reflexão importante que desfaz o mito de que “gênios” nascem prontos. Certamente que não: o fator externo é condição *si ne qua non* para alguém desenvolver suas potencialidades.

A atenção que a criança ou o jovem recebe dos pais e dos educadores é indispensável para sua evolução. É preciso atentar para os vários “gênios” que estão por aí esperando apenas que sua criatividade não seja esmagada por imposições condicionantes e, sem fundamentos, mas que se respaldem nas reais bases que são necessárias para se formar um futuro leitor.

Quando essas questões são abordadas de uma forma mais pragmática, existem mais chances de se obter resultados reais. A leitura muitas vezes é abordada do ponto de vista dos números de livros lidos, do quantitativo de leitores no país ou quais as suas preferências na leitura, mas é preciso uma investigação mais apurada do que ocorre dentro das salas de aulas e dentro de casa a fim de se identificar como essa leitura tem acontecido.

## A QUESTÃO DA LEITURA NO BRASIL

Pensar na leitura no Brasil é pensar um pouco na história do livro e da leitura do país ainda quando o Brasil era Colônia de Portugal e a leitura era “monitorada”, pois quem chegava ao país precisava identificar as obras que estariam entrando e quem desejasse obras de fora precisaria da mesma forma, identificar quais seriam esses títulos.

Nova forma de controle se instala em 22 de Abril de 1808, instituiu-se a Mesa do Desembargo do Poço no Rio de Janeiro, por Alvará Régio composta por leigos formados pela Universidade de Coimbra e por religiosos, seu objetivo era acolher solicitações de licença e autorização as mais variadas. (ABREU, 2003, p. 40).

Os livros eram tidos como objeto de perigo para a corte que temia o que a proliferação das ideias pudesse causar aos colonos, pois “[...] como se tratava de controlar a circulação de escritos tidos como perigosos, os sensores não exigiam que se indicasse o número de exemplares a ser remetido.” (ABREU, 2003, p. 38). Questões como essas são importantes e precisam ser observadas, porque se hoje, neste sentido, a realidade é diferente, ainda assim é preciso se reportar ao passado na tentativa de tentar compreender algumas lacunas no que tange à leitura no Brasil, pois havia uma identidade do leitor construída de forma abrupta e não linear em que as escolhas precisavam ser recortadas de acordo com a conveniência da então Corte Portuguesa.

Portanto, desde o início de nossa história, a leitura é pautada em regras. Começamos com o que poderia ou não ser lido e hoje as regras perpassam por outras questões tais quais: como e onde deve ser realizada a leitura. O tempo passou, bem como o contexto histórico, mas continuam sendo regras às barreiras da leitura, como foi dito anteriormente. Se analisarmos que o livro “corporifica o saber”, como afirma Darnton (2010, p. 16), natural que ele cause ameaças, especialmente, àqueles que são contra a evolução em todas as camadas sociais. Desta forma, existiu uma época em que o simples ato de ler era vigiado, sendo que “[...] os responsáveis pela censura parecem ter percebido com clareza o perigo muito maior contido na circulação livre de ideias” (ABREU, 2003, p. 36).

Destarte, é preciso que encaremos a leitura como uma possibilidade real de crescimento, de avanço, de se fazer história. O professor precisa refletir sobre isso e ensinar práticas que visem desmistificar o papel da leitura, porque se hoje não existem regras, pelo menos no âmbito legal que nos impeçam de ler, por outro lado, as imposições nas escolas ainda remetem a aquele tempo em que, claramente, a leitura estava condicionada a uma série de questões preestabelecidas.

No que diz respeito às bibliotecas das universidades é gritante o tamanho das listas de espera para alguns livros em detrimento de outros, que poderiam ser lidos tranquilamente, enquanto se aguardara pela disponibilidade. Questão tensa e extensa que precisa de outras análises, pois existem várias abordagens dentro da complexidade do tema. Por outro lado, entender a questão da leitura no Brasil, também demanda pontuar várias outras questões inerentes ao tema:

Existem várias justificativas para o reduzido número de leitores no Brasil [...] concordamos com análise da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e acreditamos que o pouco valor simbólico atribuído aos livros; o fato de poucas famílias brasileiras terem o hábito da leitura; e ainda termos poucas escolas efetivamente investindo em programas de leitura são os fatores preponderantes para o desenho desse cenário. (BORGES, 2010).

A leitura bem monitorada, mas oferecendo-se a perspectiva da liberdade necessária ao ato de ler, pode produzir resultados em todos os âmbitos de uma sociedade. Portanto, é compreensível a preocupação da parte dominante no começo na história, e por que não dizer, ainda hoje, que os indivíduos se munam de conhecimento. Porque o conhecimento produz convicções e essas convicções produzirão mudanças, e certamente, acarretarão mudanças na estrutura social de uma nação, pois o “[...] o ensino da leitura é um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais que são o seu alvo.” (CHARTIER, 1996, p. 35). Destarte, a incomensurável importância da leitura no contexto educacional.

Em suma, esperar os mesmos resultados com as mesmas práticas no ensino da leitura significa não ter novidades, ao contrário, repetições que serão passadas de pais para filhos e assim será de geração em geração. Portanto, é preciso dar liberdade ao ato de ler, incentivá-lo, aprimorá-lo visto que “a educação é um ato político, que seu fazer não é inócuo, ao contrário, é comprometido e serve para formar a personalidade das pessoas, transmitir valores, determinar proibições, enfim, modelar identidade” (FERREIRA, 2014, p.211-226).

## **A MELHOR IDADE PARA O ESTÍMULO À LEITURA**

O melhor momento para se aprender é durante a infância, pois é nessa fase que ocorre a maioria dos aprendizados que irão definir o adulto que ela se tornará. Por isso a importância fundamental de se tratar essa fase da vida com muita excelência e sabedoria, pois é daí que surgirão futuros leitores ávidos ou meros reprodutores de leituras, com a capacidade criativa limitada. Há algum tempo já têm surgido discussões sobre essa necessidade de que os agentes que atuam nessa área do conhecimento se coloquem muito mais como coadjuvantes do que como protagonistas no processo de aprendizagem.



Já não existem mais respaldos para se considerar a criança como um ser desprovido de qualquer conhecimento. Para muitos teóricos esse é considerado o tempo da Educação, pois já nesse período a criança está aberta para todas as descobertas, sem os preconceitos e julgamentos da fase adulta, sendo mais fácil assimilar, criar, relacionar com toda verdade inerente a essa fase da vida.

Fröebel (2001, p.71) discorria sobre isso há tempos com propriedade: “[...] o segundo período – a infância propriamente dita, a época em que o homem deve ser considerado preferencialmente como unidade – é de uma maneira especial considerado o tempo da educação”.

Portanto, conclui-se que com a leitura não é diferente, ela necessita desse entendimento para ser inserida no contexto da criança nos primeiros anos de vida. Deve ser estimulada pelos pais que devem ler as histórias para elas até que elas tenham a capacidade de compreender e ler por si mesmas, pois, o que for conquistado nesse período continuará a ser cultivado para o resto da vida, mas essa semente precisa ser boa para gerar bons frutos ao longo da vida desse leitor.

As pesquisas mostram que pais que lêem, frequentemente, influenciam muito na vida dos filhos para que possam vir a serem futuros leitores. Os pais têm uma importância decisiva na vida educacional de seus filhos, sobretudo no que diz respeito às leituras, ou seja, na formação deles como futuros leitores. Não há como eximir os pais dessa responsabilidade com a formação desse leitor, pois, o exemplo “[...] que a criança tem em casa é o mais valioso, por isso quando ela vê os pais em diversas oportunidades ‘agarrados’ a livros periódicos, terá maior facilidade a valorizar tal ato instintivamente” (SANDRONI, L. C.; MACHADO L. R., 1987, p.37).

É importante observar que o exagero e a omissão são componentes fatais em vários aspectos da educação do indivíduo e não seria diferente com os aspectos relativos à leitura. Pais que sobrecarregam os filhos com uma infinidade de leituras cometem o mesmo erro que os que não só não praticam a ação de ler em casa como não estimulam de nenhuma outra forma essa criança ou esse jovem.

Mais vale o exemplo do que a imposição, pois a inspiração que esses pais podem causar a esses filhos tem muito mais valor concreto do que regras estabelecidas a todo tempo. Ora, sabemos que a Educação deve estar pautada na capacidade de criar, de gerar novos conhecimentos, de interagir com o que já se sabe. Assim, se direcionamos a leitura desta criança e moldarmos seu comportamento enquanto leitor, até a forma como ela deve ler, estaremos refreando grandes leitores em potencial.

Sabemos que, dificilmente, um adulto que não foi habituado desde criança a comer frutas e legumes, o fará quando adulto. Dificilmente um adulto que não praticou esporte desde criança, será capaz de ser um atleta grandioso. Acredito que da mesma forma acontece com a leitura. Adultos que não foram estimulados a cultivar este hábito desde a mais tenra idade, dificilmente conseguirão fazê-lo de forma natural e espontânea nesta fase do desenvolvimento. (FONTES, 2002, n.p).

Mais do que isso, é possível afirmar que o ato da leitura produz no indivíduo a habilidade de raciocinar. Dewey (1965, p.9) já frisava isso: “Mais educação significa maior capacidade de pensar, comparar e decidir com acerto e íntima convicção”. Se assim procederem, pais e educadores estarão caminhando no melhor sentido possível para formar uma geração capaz de produzir com êxito conhecimentos novos, assimilar os que já existem e, conseqüentemente, não serem mais um em meio à multidão.

Salienta-se que não existem fórmulas perfeitas, mágicas ou condições ideais para se ensinar a prática da leitura, existe boa vontade, compreensão das reais necessidades dos indivíduos e a possibilidade de permitir esse ambiente favorável para a disseminação do conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É dessa simplicidade que precisamos para ajudar os futuros adultos a caminhar com mais autenticidade e menos mecanicismos. Porque pensar por si só ultimamente tem sido um ato cada vez mais raro e pouco incentivado pelos educadores e pelos pais e isso reflete não só no quesito leitura, mas como um todo no nosso país. É mais cômodo para alguns reproduzir do que levar a pensar, analisar, concluir.

É possível afirmar que, quando todos pensam da mesma maneira, ninguém traz grandes novidades e é com essa reflexão que devemos estimular as crianças e os jovens, de maneira geral, a se enveredarem pelos caminhos da leitura sem medo de errar ou acertar. Isso vai fazer mudar, naturalmente, as pesquisas em favor do Brasil. A liberdade ou monitoramento sem grandes interferências, por assim dizer, facilita as escolhas conscientes e a relação do indivíduo em sua fase adulta com a vida e com o mundo ao seu redor, pois “[...] não se acredita que a escola contradiz a espontânea atividade do garoto. A ação bem dirigida da escola, que fortifica as energias íntimas e espirituais dos alunos, faz com que se sintam mais livres, movam-se com maior facilidade na vida” (FROEBEL, 2001, p.87).

Essas ações devem ser realizadas em conjunto, ou seja, todos juntos em uma missão de incorporar essa nova realidade que exige a Educação como um todo. Todos sairão ganhando com seres mais pensantes e menos teleguiados: “Especialmente os educadores

deveriam atentar para isso, desenvolvendo as primeiras manifestações de futuras atitudes e o talento para a música e para atividade espontânea da criança” (FROEBEL, 2001, p.54).

A educação é um processo dinâmico, que precisa ser flexível e interativo a fim de compreender as diferenças, somar os conhecimentos e subtrair as diferenças. Com o ensino da leitura e a sua prática não pode ser diferente, sendo que estimular as crianças e os jovens desde cedo é fundamental.

Só por meio desse entendimento será possível uma nova perspectiva na arte de ensinar o estímulo à leitura, dando possibilidades ao desenvolver da imaginação. Não basta uma ótima estrutura, professores capacitados, pais empolgados e um acervo multidisciplinar se não existir incentivo e uma liberdade corretamente administrada: é preciso respeitar as individualidades e dar espaço para a criatividade inerente a cada ser humano.

Além disso, por causa das diferenças individuais e das experiências que cada criança ou jovem tem no seu meio familiar, os alunos não aprendem ao mesmo tempo e do mesmo modo. É preciso respeitar esse ritmo e esse estilo. Não se pode punir um aluno por necessitar de mais tempo. (PENNA FIRME, 2009, p.4).

Nesse contexto que foi abordado no que diz respeito à leitura, é favorável lembrar o papel da escola e das instituições de ensino de modo geral com seus reais propósitos, pois a “[...] principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimentos” (KLEIMAN; SILVA, 1999, p. 9). Esse é o caminho para as reformulações necessárias para uma educação mais consciente e menos mecânica, mais reflexiva e menos sugestiva.

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 2006, p. 45).

Que outras contribuições possam surgir no intuito de refletir e se posicionar ante a essas e outras questões que são fundamentais para trazer mudanças, que esses estudos perpassem as teorias e contribuam para novas práticas, sobretudo nas salas de aulas, que o olhar para as crianças ou para o jovem seja um olhar que observe um sujeito com potenciais, com os quais será possível trocar experiências e fazer jus a dinâmica da verdadeira educação: a troca de conhecimentos, o respeito às limitações e o desejo genuíno de contribuir com a formação do outro. Só assim caminharemos rumo a uma nova história, por assim dizer, uma nova educação. Repensar as questões que aqui foram abordadas demandará tempo, mas o mais importante é que estudos ocorram no intuito de caminharmos para novas e melhores direções, saindo da teoria e partindo para a prática.

## **EDUCATIONAL ASPECTS RELATED TO READING: FROM THEORY TO PRACTICE**

**ABSTRACT:** The text aims to mention aspects of reading and its main features, such as the importance of spontaneity in the act of reading and highlight the responsibility of those involved in this process, being supported in Education theorists such as Spencer (1924), Dewey (1965), Froebel (2001), among others. We call the attention to the behaviors that can stimulate or hinder the learning, putting childhood as one of the crucial and decisive stage for the entire lifetime of the reader. Before the challenges imposed by life in society, it is important to review aspects related to the teaching of reading, concluding that, with the correct directions by parents and teachers, respecting the individuality and spontaneity that characterize the reading habit, students are most likely to become frequent readers in the future. It is a qualitative and bibliographic research.

**KEYWORDS:** Reading. Habit of reading. Learning.

## **ASPECTOS EDUCATIVOS EN RELACIÓN CON LA LECTURA: DA TEORÍA A LA PRÁCTICA**

**RESUMEN:** El texto tiene por objeto mencionar aspectos de la lectura y sus principales características, tales como la importancia de la espontaneidad en el acto de la lectura, y subrayar la responsabilidad de los agentes implicados en este proceso, retrocediendo hacia los teóricos de la educación, como Spencer (1924), Dewey (1965), Froebel (2001), entre otros. Hablamos sobre comportamientos dignos de mención aquí que pueden estimular o dificultar el aprendizaje, poniendo la infancia como uno de etapa crucial y determinante para el resto de la vida de este lector. Toma nota de que, dadas las dificultades de la vida en la sociedad, es importante examinar las cuestiones relacionadas con la enseñanza de la lectura, concluyendo que, con las direcciones correctas de los padres y profesores, respetando la individualidad y la espontaneidad que caracterizan el hábito de la lectura, los estudiantes son más propensos a convertirse en lectores asiduos en el futuro. Es una investigación cualitativa y de la literatura.

**PALABRAS CLAVE:** Lectura. El hábito de la lectura. Aprender.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, M. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado das letras, 2003. (Coleção História das Leituras).

BORGES, A. G. S.; ASSAGRA, A. G.; DE ALDA, C. G. (Org.). *Leitura: o mundo além das palavras*. Curitiba: Instituto RPC, 2010. Disponível em: <<http://www.institutogrpcom.org.br/clientes/irpc/portal/Files/News/file/livro-leitura.pdf>>. Acesso em: 13 de Jul. 2015.

BRASIL. Balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, A. M. C.; PASSOS, M. (Org.). *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

CASTRO, C. A. (Org.). *Leitura, impressos e cultura escolar*. São Luís: EDUFMA, 2010.

CAVALCANTI, J. G. *O ser humano como unidade bio-psico-sócio-espiritual*. Disponível em: <<http://www.libertas.com.br/libertas/o-ser-humano-como-unidade-bio-psico-socio-espiritual/>> Acesso em: 16 de Abr. de 2015.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Tradução de: Maria Manuela Galhado. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação da liberdade, 1996.

COMENIUS, J. *Didática Magna*. São Paulo, Martins fontes, 2002.

DARNTON, R. *A questão dos livros: presente, passado e futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DEWEY, J. *Vida e educação: a criança e o programa escolar: interesse e esforço*. Tradução de: Anísio S. Teixeira. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DUTRA, K. *A genialidade de Thomas Alva Edison*. 2012. Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/09/04/a-genialidade-de-thomas-alva-edison/>>. Acesso em: 21 de abr. 2015.

EDUVIRGES, J. R. *O Processo de formação e desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Piauí*. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO - EREBD N/NE, 15, Piauí, 2012. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/node/367>>. Acesso em: 21 de Abr. 2015.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FARIA FILHO, L. M. et al. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, A. M. C.; PASSOS, M. (Org.). *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

FERREIRA, Maria Mary. *Feminismo na política: reflexões sobre as plataformas das candidatas maranhenses nas eleições 2014*. Disponível em: <<http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2007-4655-1-PB.pdf>>. Acesso em 05 maio 2016.

FERRARI, M. *Pedagogia: Herbert Spencer. Educar para crescer*. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/herbert-spencer-307364.shtml>> Acesso em: 12 Abr. 2015.

FONTES, M. *Aprendendo a gostar de ler*. Disponível em: <<http://www.aonp.org.br/fso/revista11/rev1123.htm>>. Acesso em: 11 Abr. 2015.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FROEBEL, F. W. A. *A educação do homem*. Tradução de: Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. *Leitura e interdisciplinaridades: projeto da escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. (Coleção ideias sobre linguagem).

MUNAKATA, K. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

PENNA FIRME T. Mitos na avaliação: diz-se que... *Meta: avaliação*, Rio de Janeiro. v.1, n.1, p.1-10, jan/abr. 2009.

PENNAC, D. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PLOENNES, C. Reflexões sobre como conquistar mais leitores. *Revista Educação*. São Paulo, n. 186, out. 2012. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/186/porque-o-brasil-ainda-le-pouco-271530-1.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

REDAÇÃO EDUCAR. Como ensinar a seu filho que ler é um prazer: dicas de como ensinar seu filho a ler todos os dias e, assim, ter amor pelos livros. *Educar para crescer*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/importancia-leitura-521213.shtml>>. Acesso em: 16. dez. 2013.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. Ler em casa. In: *A criança e o livro*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 18-21.

SPENCER, H. *Educação intelectual, moral e physica*. Tradução de: Emygdio D'Oliveira. Porto: Casa Editora Alcino Aranha, 1924.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro método de estudar: cartas sobre retóricas e poéticas*. Lisboa: Proença, 1991.

Recebido em agosto de 2015.

Aprovado em abril de 2016.